

Poema em linha recta: a atemporalidade da obra de Álvaro de Campos

Poema em linha recta: the timelessness of Álvaro de Campos's Work

GIOVANA VICTORIA FERNANDES MASCARENHAS

Discente de Letras - Língua Portuguesa (UFRN)

giovana.fernandes.0223@gmail.com

Resumo: O presente ensaio analisa o *Poema em linha recta*, de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, com o objetivo de demonstrar a atemporalidade da obra. A análise parte dos aspectos estruturais e dos efeitos de sentido do poema, focando na antítese central entre o eu lírico, que expõe suas falhas e vilezas, e os "outros", retratados como perfeitos e vitoriosos. Argumenta-se que a crítica à cultura de aparências, construída por meio da ironia e do exagero, é o elemento-chave para a relevância contínua do poema. O ensaio estabelece um diálogo entre a angústia do eu lírico e a sociedade contemporânea, marcada pela aceleração da vida e pela idealização projetada nas redes sociais, que intensificam o adoecimento mental. Conclui-se que a obra de Campos permanece essencial por confrontar a negação da vulnerabilidade humana, um traço que atravessa gerações e se intensifica na Era Digital.

Palavras-chave: Álvaro de Campos; Literatura Portuguesa; Fernando Pessoa; atemporalidade.

Abstract: This essay analyzes *Poema em linha recta* by Álvaro de Campos, a heteronym of Fernando Pessoa, with the aim of demonstrating the timelessness of the work. The analysis begins with the poem's structural aspects and its effects of meaning, focusing on the central antithesis between the lyrical self—who exposes his flaws and baseness—and the “others,” portrayed as perfect and triumphant. It is argued that the critique of the culture of appearances, constructed through irony and exaggeration, is the key element ensuring the poem's enduring relevance. The essay establishes a dialogue between the lyrical self's anguish and contemporary society, marked by the acceleration of life and the idealization projected on social media, which intensify mental distress. It concludes that Campos's work remains essential for confronting the denial of human vulnerability, a trait that transcends generations and becomes more pronounced in the Digital Age.

Keywords: Álvaro de Campos; Portuguese Literature; Fernando Pessoa; timelessness.

Poema em linha recta

(Álvaro de Campos)

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irresponsavelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,
Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submissos e arrogante,
Que tenho sofrido enxoavalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cómico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado,
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um acto ridículo, nunca sofreu enxoavalho,
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida...

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e erróneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

(Pessoa, 1980, p. 122).

A Era Digital, período em que vivemos, teve início na segunda metade do século XX e é caracterizada pela organização em rede da sociedade, rápida modernização tecnológica e aceleração da vida em geral. Com a Era Digital, também assistimos ao domínio das redes sociais, fazendo com que pessoas, lugares e territórios se tornassem mais próximos, com o acompanhamento de acontecimentos em qualquer lugar do mundo em tempo real, o que Santos (2011) chama de convergência de momentos. Dentro desse alto nível de conexão interpessoal, as redes sociais se tornam cada vez maiores propagadoras da cultura de aparências e da comparação, promovendo o adoecimento da nossa sociedade.

Entretanto, muito antes do surgimento da internet, a cultura de aparências já inquietava Fernando Pessoa, por meio do seu heterônimo Álvaro de Campos. Segundo seu criador, Álvaro nasceu em 15 de outubro de 1890 em Tavira, estudou Engenharia Naval na Escócia, mas largou o curso por não se identificar com ele. Fernando Pessoa o coloca como discípulo de seu outro heterônimo, Alberto Caeiro, herdando deste o sensacionismo, entretanto, de uma maneira própria (Seabra, 1974).

Ao contrário do sensacionismo de Caeiro, que tenta se afastar ao máximo da racionalização e da subjetividade, com uma poesia focada nas “coisas como são e pelo que elas são”, o sensacionismo de Campos está nas emoções e sentimentos como eles são, sem filtros ou embelezamentos. Além disso, são marcas do fazer poético de Campos o exagero, o excesso e o extravasar das emoções (Seabra, 1974), a partir de eu líricos que sofrem por “sentir demais” e precisam “vomitar” todos os seus sentimentos para sentir alguma paz, com um ritmo como de uma mola que ascende e descende bruscamente no poema.

Apesar de ser fascinada pelas famosas *Ode Triunfal* e *Ode Marítima*, de Álvaro de Campos, decidi escolher um poema mais sucinto, para que possa ser aprofundado, porém igualmente fascinante e atemporal. O *Poema em linha recta*, pertencente ao período da primeira fase do Modernismo Português, tem convergências com sua escola literária quanto à liberdade formal, o prosaísmo, a complexidade do eu lírico, que expõe seus erros, e o sensacionismo, pelas emoções exacerbadas. Por outro lado, o poema traz um eu lírico que se rebaixa o máximo, o que não é tão comum dentro do Modernismo, que geralmente possui uma visão exaltada do homem moderno.

A partir dessas considerações, o presente ensaio pretende analisar o *Poema em linha recta*, de Álvaro de Campos, assim como seus aspectos estruturais e efeitos de sentido decorrentes. Além disso, será abordado o aspecto temático da cultura de aparências na obra e seu papel essencial para a atemporalidade do poema em questão, junto à relevância da poesia do Álvaro de Campos para a contemporaneidade.

Inicialmente, cabe observar que o poema possui sete estrofes, a primeira com dois versos, a segunda com dezesseis versos, a terceira com três versos, a quarta com cinco versos, a quinta com três versos, a sexta com um verso e, enfim, a sétima com seis versos. Junto a isso, ao se fazer a escansão do poema, revela-se uma estrutura métrica irregular. Ademais, o poema não segue nenhum esquema fixo ou regular de rimas, de forma que a sonoridade surge de forma orgânica ou quase acidental, assemelhando-se à prosa. Assim, conclui-se que foi uma escolha por uma liberdade formal a partir do verso livre, que promove uma maior fluidez ao poema, aproximando-o da fala cotidiana.

Após essas considerações gerais sobre a estrutura do poema, irei analisá-lo por estrofe, pensando os campos semânticos elaborados, as figuras de linguagem, pontuação e possíveis interpretações. O poema é estruturado em uma grande antítese principal: a oposição entre o “eu” e os “outros”. Sendo assim, a primeira estrofe nos apresenta uma primeira ideia sobre “os outros”: “Nunca conheci quem tivesse levado porrada./ Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo” (Pessoa, 1980). Aqui, chama a atenção a ironia junto à hipérbole “campeões em tudo”, um exagero claramente utilizado para ironizar o mascaramento das falhas em nossa sociedade.

Já na segunda estrofe, mais extensa, apresenta-se o “eu” e todas as suas falhas humanas. O eu lírico utiliza-se de anáforas durante toda a estrofe, com as repetições “eu, que tantas vezes [...]” e “que tenho sido” por todos os versos, acompanhadas de confissões de vergonhas, humilhações e vilezas. Nota-se que o uso de anáforas intensifica as confissões feitas, dando um certo ar de revolta. A maioria dos adjetivos utilizados pertencem ao campo semântico de insultos “porco”, “vil”, “sujo”, “ridículo”, “absurdo”, a partir dos quais o eu lírico se rebaixa cada vez mais. Os cinco últimos versos, apesar de terem cessado na adjetivação, narram atos que conotam adjetivos negativos, como “vergonhoso” em “Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado sem pagar” e “covarde” em “Eu, que quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado/ Para fora da possibilidade do soco”, ou “fraco” em “Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas”. No último verso, já conectando à estrofe seguinte, ele diz que, por todos esses comportamentos, não há lugar para ele neste mundo. Chama a atenção a quase ausência de pontos finais em uma estrofe tão extensa, apenas um ao fim da estrofe, e várias vírgulas, decorrendo em um ritmo acelerado, como uma enxurrada de defeitos.

As próximas duas estrofes, terceira e quarta do poema, bem mais curtas, já nos apresentam o “eles”, que se opõe completamente ao “eu”. Ao contrário do eu lírico, os “outros” nunca tiveram nenhum ato ridículo ou sofreram enxovalho, todos são príncipes – perfeitos e imaculados. O uso do termo “príncipes” demonstra a ironia do eu lírico em seu exagero, característica típica da poesia de Álvaro de Campos. Na estrofe seguinte, ele prossegue enfatizando a desumanidade das outras pessoas em “Quem me dera ouvir de alguém a voz humana” e ausência de vulnerabilidade pelos versos seguintes, o que fortalece a antítese presente no poema.

Ao contrário do eu lírico, que despejou de forma extremamente vulnerável os seus erros e infâmias na segunda estrofe, as outras pessoas jamais fazem confissões, demonstram suas falhas, seus medos, ou “uma cobardia!” Mais uma vez, o eu lírico é altamente irônico, como no verso: “Não, são todos o Ideal, se os oiço e me falam”; ao iniciar com “Não”, ele acentua a contradição e, ao usar o termo “Ideal” com a primeira letra maiúscula, ele revela a própria consciência do fingimento social, que essa “máscara” perfeita utilizada pelas pessoas é uma idealização, nunca de fato alcançada. Inclusive, a repetição do verbo “confessar” nessa estrofe revela que a indignação não reside em os outros serem de fato perfeitos, mas em eles nunca se permitirem demonstrar fraquezas ou vilezas.

A quinta e a sexta estrofes unem-se em uma espécie de clamor repleta de dramaticidade. O eu lírico dirige-se diretamente aos “outros”, os quais chama de “irmãos” e “príncipes”, o que pontua novamente a antítese do poema entre “eu” e

“outros”, em outras palavras, “acessível” e “inacessível”; “humano” e “divino”. Com a interjeição “Arre”, o eu lírico diz aos príncipes que não suporta mais as suas divindades e, por meio de perguntas, ele suplica por pessoas humanas e “defeituosas”, que também errem e sejam maldosas.

A última estrofe, por fim, sintetiza a oposição entre “eu” e “eles”: “eu”, que é ridículo sem ter sido traído, logo, que nunca foi vítima e ainda assim se fez ridículo; “eles”, que nunca confessam culpa alguma, preferem se colocar como vítimas: “Poderão as mulheres não os terem amado,/ Podem ter sido traídos – mas ridículos nunca!” (Pessoa, 1980). Sendo assim, com tamanha “superioridade”, o eu lírico ironicamente se coloca abaixo dessas pessoas; ele eleva-as ao nível do exagero e se rebaixa ao máximo, para que se torne absurdo, como de fato é o mascaramento dos “outros”.

Logo, é possível observar dois grandes campos semânticos que são essenciais para o entendimento do poema: o dos insultos, referentes ao “eu”; e o da divindade (“príncipes”, “semideus”), referente aos “outros”. Por meio disso e das construções irônicas, estabelece-se a oposição como se um fosse a Terra e o outro o Céu, incapazes de se tocarem. Entretanto, o exagero, o uso do verbo “confessar” comentado anteriormente e o termo “meus irmãos” demonstram a falsa superioridade dos “outros”, que apenas se ocupam em esconder as suas sombras e vergonhas.

De maneira análoga, quase dois séculos depois, o tema da cultura de aparências apontada por Álvaro de Campos segue com tanto ou mais relevância em relação à sua época. Hoje, com as redes sociais, a comparação que o eu lírico faz, ele e o mundo exterior, é facilmente relacionável a um adolescente (ou adulto) rolando a *timeline* do *Instagram* e idealizando a vida perfeita de todas as pessoas que vê, já que elas apenas demonstram felicidades e conquistas nas redes. As redes sociais apenas escancaram o que Debord (1997) chama de *Sociedade do Espetáculo*, referindo-se à vida moderna dominada pela imagem e representação, em detrimento de experiências autênticas.

Essa negação do feio, imperfeito e falho dentro de nós tem gerado consequências, como o adoecimento mental generalizado, em especial das últimas gerações. Doenças como ansiedade e depressão são intensificadas e impulsionadas por pensamentos estimulados pela sociedade espetacularizada. O bombardeamento constante de falsas vidas perfeitas nos faz pensar que nunca seremos bons, inteligentes ou bonitos o suficiente, logo nunca estaremos completos por não conseguir alcançar um ideal. Ainda, cabe ressaltar que os padrões impostos socialmente, de fato, são feitos para não serem alcançados, pois é justamente a busca pelo ideal e o sofrimento da comparação que gera lucro às grandes corporações.

Nesse sentido, considerando que tais debates são muito posteriores à época da escrita do *Poema em linha recta* (final do século XIX), apenas por esse poema, já é possível perceber porquê Fernando Pessoa, em especial Álvaro de Campos, ainda é lido tão vorazmente, como se estivesse publicando nesta mesma década. Influenciado pelo âmbito social, há centenas de anos o ser humano podou-se para esconder suas vulnerabilidades, principalmente o homem, que aprende desde criança a engolir o choro, não ter medo, não demonstrar sentimentos. Justamente por se contrapor (arrisco dizer, violentamente) a essas ideias, o poema de Álvaro de Campos segue relevante até os dias atuais e por eras que virão.

Não apenas o poema analisado, como também toda a poesia de Álvaro de Campos, por representar o âmago do homem moderno, que muito sente e guarda os sentimentos até extrapolar de alguma maneira, seguirão essenciais por todas as gerações, ao menos, enquanto o ser humano insistir em negar a própria humanidade.

REFERÊNCIAS

- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- PESSOA, Fernando. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S. A, 1980.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SEABRA, José Augusto. **Fernando Pessoa ou o poetodrama**. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1974.